

Mariana DINIZ*

O povoado neolítico da Foz do Enxoé (Serpa, Portugal): Enquadramento Cronológico e Cultural

São aqui apresentados, de forma sucinta, os resultados das escava es arqueológicas realizadas no povoado neolítico da Foz do Enxoé, Serpa, Portugal. A ocupa o do sítio terá ocorrido na 2  metade do 4  mil nio Cal. BC, num momento em que as cronologias absolutas disponíveis apresentam como realidades contemporâneas conjuntos artefactuais do Neolítico final e do Calcolítico inicial.

  objectivo deste texto discutir, a partir da informa o obtida no sítio da Foz do Enxoé, algumas características do sistema de povoamento do Neolítico final no interior alentejano.

Palavras-chave: Neolítico final; Cultura material; Cronologia

This article presents, in a brief way, the neolithic settlement of Foz do Enxo , Serpa, Portugal, archaeological data. The site have been occupied during the second half of 4th millenium Cal. BC, a chronological period in which we see both Late Neolithic and Initial Calcolithic artefacts sets in the same area.

It is this text aim to discuss, from the data recovered in Foz do Enxo , some Late Neolithic settlement patterns, in the interior Alentejo and some chronological problems.

Keywords: Late Neolithic; Material culture; Chronology

1. CONSIDERA ES PRELIMINARES

  objectivo deste texto questionar o significado cultural e a integra o cronológica do povoado pr -histórico da Foz do Enxoé, Serpa, Portugal.

O sítio foi objecto de escava es arqueológicas nos anos de 1995, 1997 e 1998, e uma análise dos resultados obtidos* permitiu re-analisar as propostas de periodiza o cronológico-culturais que têm sido apresentadas para sistematizar a transi o do Neolítico final para o Calcolítico inicial, no Sul do território português.

Foi recentemente admitido que um conjunto artefactual como o recuperado no povoado da Foz do Enxoé pode justificar-se historicamente a partir de dois modelos alternativos. Pretende-se agora reunir informa o que permita testar e caracterizar uma das hipóteses avançadas, num quadro mais vasto de dados.

Utiliza-se aqui, na procura de respostas que podem ser colocadas ao povoamento neolítico da região, a informa o publicada na obra *Arqueologia no Concelho de Serpa*

(Lopes *et al.* 97), que apresenta os resultados da prospec o arqueológica de que este concelho foi alvo recentemente.

Os sócios de *habitat* neolíticos são uma realidade ainda deficientemente conhecida no interior do Baixo Alentejo e a existência de um carta arqueológica, que não impede a referência a sócios considerados determinantes para esta questão no exterior do concelho, permite iniciar a constru o de modelos de povoamento que futuras investiga es poderão precisar ou rejeitar.

2. LOCALIZA O E IMPLANTA O DO POVOADO DA FOZ DO ENXOÉ

O sítio da Foz do Enxoé localiza-se na Herdade da Foz, freguesia de Santa Maria, concelho de Serpa, distrito de Beja, Carta Militar de Portugal 1:25000 folha n  522, com as coordenadas Gauss S 187 047.

O povoado pr -histórico está implantado numa rech  de origem fluvial, na margem direita da Ribeira do Enxoé, na zona de confluência desta ribeira com o Rio Guadiana.

(*)Centro de Arqueologia. Faculdade de Letras de Lisboa.

Estes solos são no entanto limitados por dois corredores de solos de classe C, a Norte, na área que se estende para o rio Guadiana, e a SE numa extensão de 1 km aproximadamente.

Observando as classes de solos existentes num raio de 5 km a partir do sítio, apenas na margem esquerda do Guadiana, verifica-se a presença de um verdadeiro mosaico de classes de solos, entre as quais se destaca uma mancha considerável de solos de classe A.

A implantação do sítio confirma assim a imagem que paulatinamente se constrói para alguns dos sítios integráveis numa etapa final do Neolítico, e que traduzem a preferência por solos leves, mais aptos para uma agricultura baseada na força humana, e a potencial exploração de pequenos corredores de terreno com capacidades agrícolas medianas, certamente consideradas suficientes para sustentar um pequeno grupo de “economia mista”.

A localização do sítio não se conjuga com uma vocação primordialmente agrícola por parte deste grupo específico que, no entanto, possui no seu território, de obtenção imediata de recursos, terrenos agricultáveis.

3. RESULTADO DOS TRABALHOS DE TERRENO: ESTRATIGRAFIA E MATERIAIS

As escavações arqueológicas efectuadas em 1995, 1997 e 1998 permitiram identificar, em FE-LC1, vestígios de uma estrutura habitacional, de tipo cabana, constituída por um arco de círculo de blocos de grauvaque de pequenas e médias dimensões, entre os quais se recolheram fragmentos de recipientes cerâmicos e nódulos de cerâmica de revestimento.

A implantação desta estrutura, num dos topos do terraço, sujeito a intensa erosão, justifica o mau estado de conservação que esta apresentava e a pouca potência estratigráfica, cerca de 20 cm, detectada em alguns áreas deste corte, bem como a relativa raridade de material arqueológico.

No corte FE-LC2, foi detectada sob níveis superficiais de formação natural, uma bolsa de materiais arqueológicos depositada, por provável depósito de enxurrada, numa depressão natural da rocha de base. A concentração de material arqueológico nessa unidade de pequenas dimensões, 1.5 m x 1 m x 0.2 m, permitiu, no entanto caracterizar cultural e cronologicamente esta ocupação.

A análise da estratigrafia detectada, e o enquadramento tipológico dos materiais provenientes de superfície ou de escavação apontam para uma ocupação única do sítio, numa etapa ainda não cronometricamente definida do Neolítico final.

O conjunto artefactual (Fig. 2) recuperado no povoado pode ser classificado de acordo com as seguintes categorias tipológicas: recipientes cerâmicos; objectos relacionados com o sagrado; “pesos de tear”; indústria lítica de pedra lascada; indústria macrolítica em quartzito. Não existe uma categoria para materiais de pedra polida, uma vez que foi recolhido apenas um fragmento longitudinal de machado, à superfície.

3.1. RECIPIENTES CERÁMICOS

Num total de 38 Kg de fragmentos cerâmicos, 214 apresentam o bordo conservado, correspondendo as formas abertas a 23 % do total, as formas fechadas a aproximadamente 27 %, os recipientes carenados a cerca de 8 %, e os vasos de paredes rectas a 7 % do conjunto. Um número significativo de fragmentos de bordo, 69, não permitiu reconstituição da forma.

Os fragmentos decorados, seis recuperados em escavação e quatro provenientes de recolhas de superfície, representam uma pequena percentagem do material examinado, cerca de 4 %, estando representadas as técnicas de impressão e incisão, por vezes combinadas, e a aplicação de cordões plásticos.

A aplicação de mamilos, sobre formas abertas, fechadas e carenadas, verifica-se em cerca de 12 % do conjunto de 257 fragmentos estudados.

A análise da morfologia dos bordos, em 207 fragmentos de recipientes individualizáveis forneceu os seguintes resultados: 30 % de bordos aplanados; 30 % de bordos biselados; 40 % de bordos côncavos. É de notar a total ausência de recipientes com bordo espessado, ponto a ser adiante devidamente discutido.

3.2. OBJECTOS RELACIONADOS COM O SAGRADO

Foram recolhidos no povoado da Foz do Enxoé quatro fragmentos de objectos cerâmicos, usualmente designados como “ídolos de cornos”, e conectados com evocações do sagrado realizadas no espaço de *habitat*.

Os fragmentos exumados parecem corresponder a peças de distinta tipologia quanto à localização das perfurações. Um exemplar apresenta uma perfuração na base conservada, dois fragmentos, um aparentemente oco e outro maciço, registam perfurações no tronco, pertencendo o quarto fragmento ao topo de um “ídolo de cornos”.

3.3. “PESOS DE TEAR”

Não foi identificado, até ao momento, qualquer fragmento cerâmico que possa ser integrado nas categorias usualmente definidas para “pesos de tear” do Neolítico final-Calcolítico do Sul de Portugal.

No entanto, a recolha em superfície de fragmentos de espessos crescentes cerâmicos, com uma perfuração na extremidade conservada, e secções circulares da ordem dos 3 cm, pode indicar a utilização no sítio de “pesos de tear” pertencentes a outro quadro tipológico-funcional, distinto dos já conhecidos para o Sudoeste peninsular.

3.4. INDÚSTRIA LÍTICA - PEDRA LASCADA

O conjunto analisado é composto por 79 peças, das quais seis foram consideradas indeterminadas, e excluídas desta análise, verificando-se um equilíbrio entre as peças classificadas como produtos brutos e as interpretadas como utensílios.

Trata-se, no entanto de uma indústria expedita e pouco elaborada utilizando matérias-primas locais, que consti-

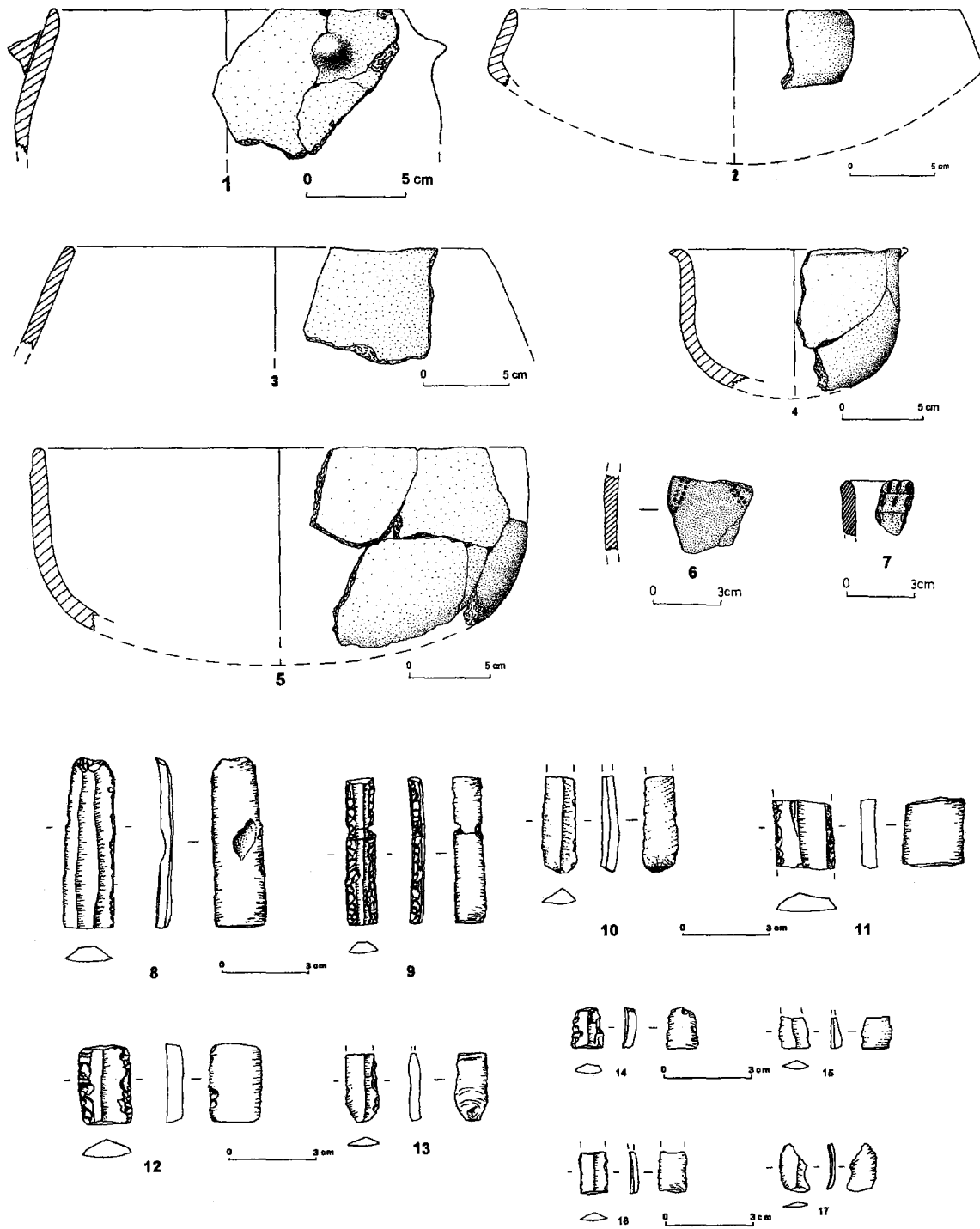


Fig. 2 - Materiais cerâmicos e líticos do povoado da Foz do Enxóé

tuem 92 % das ocorrências. No grupo dos utensílios são claramente minoritárias as peças retocadas, duas lamelas e cinco lâminas, apresentando 23 peças apenas traços de utilização.

Os produtos brutos, provenientes de distintas etapas de exploração do núcleo, produtos semi-corticais e não corticais, são maioritariamente em quartzo, 22 numa total de 29 presenças, situação que se inverte quando analisamos os utensílios, estão presentes apenas 11 utensílios em quartzo e igual número em quartzito. O sílex, que representa 8 % das matérias-primas empregues, foi seleccionado integralmente para a produção de utensílios.

O quartzo foi utilizado exclusivamente para a produção de pequenas lascas e lamelas, situação compatível com os núcleos recolhidos, e representa 55 % das matérias-primas dos produtos de debitage.

Um quartzito de grão muito fino com propriedades de talhe semelhantes ao sílex, foi explorado para obtenção de lascas, lâminas e lamelas, que perfazem 23 % dos produtos de debitage.

Analisando a tipologia de suportes e utensílios, podemos concluir que se trata de um conjunto com forte componente lamelar, de entre os produtos alongados, com 40 registos, 33 pertencem a lamelas.

Num total de 33 lamelas recolhidas, 15 correspondem a produtos brutos e 16 a utensílios expeditos, com traços de utilização, verificando-se apenas em dois casos a existência de retoque, rasante e marginal numa lamela de sílex e abrupto e marginal numa lamela de quartzito. Ao contrário, as lâminas que representam um conjunto de sete artefactos, apresentam um índice superior de transformação em utensílios elaborados, cinco exemplares apresentam retoque, em três casos rasante, em dois abrupto e sempre marginal, e apenas um exemplar regista sinais de utilização.

Os núcleos recolhidos, exclusivamente em quartzo ou quartzo hialino, são de pequenas dimensões, morfologicamente atípicos, com extracções finais que apontam para a obtenção de lamelas ou lascas-esquírolas com menos de 3 cm de comprimento.

Apesar do reduzido número de núcleos, os restos de talhe inclusivamente de sílex, a única matéria-prima não local, atestam o fabrico da utensilagem lítica no povoado.

As restantes matérias-primas utilizadas, quartzo, quartzo hialino, quartzito, lidito e calcedónia, podem ser encontradas na área ocupada pelo povoado da Foz do Enxoé, quer como elementos clásticos do depósito de terraço fluvial, quer como clastos provenientes do substrato geológico local.

3.5. INDÚSTRIA MACROLÍTICA SOBRE QUARTZITO

Foram reunidos sob a designação, indústria macrolítica sobre quartzito, 73 peças, que integrando o conjunto dos materiais em pedra lascada, apresentavam, no entanto atributos comuns que permitiam a sua individualização, no interior desse grupo mais vasto.

Os produtos macrolíticos são realizados exclusivamente

a partir de quartzito de grão grosseiro, matéria-prima existente no terraço fluvial da Foz do Enxoé, e pouco apta para o talhe.

O objectivo final desta produção consiste na obtenção de lascas robustas, empregues como utensílios *a posteriori*, uma vez que nenhuma das 51 lascas se encontra retocada.

A percentagem de lascas corticais e semi-corticais, cerca de 65 % do conjunto, pode traduzir um baixo índice de exploração dos núcleos, pouco valorizados dada a abundância desta matéria-prima no local.

Num total de cinco núcleos recuperados, quatro são núcleos sobre seixo ou calote de seixo e apenas um é um núcleo sobre lasca. As dimensões dos últimos levantamentos realizados sobre estes núcleos são compatíveis com as lascas de menores dimensões recolhidas no sítio, com valores médios que rondam os 31 mm x 19 mm x 6 mm.

Integram, ainda o conjunto de materiais macrolíticos, cinco seixos que apresentam sinais de esmagamento localizado, classificados como percutores, e um “peso de rede” recolhido à superfície.

3.6. ANÁLISES FAUNÍSTICAS

Os restos faunísticos recolhidos no povoado da Foz do Enxoé, provêm exclusivamente da bolsa de materiais identificada em FE-LC2.

Está atestada a presença de *Cervus elaphus*, *Bos taurus*, um exemplar subadulto de pequenas dimensões, e *Ovis* ou *Capra*, num inventário que não traduz certamente a totalidade dos espécies consumidas. De entre o conjunto de ossos recolhidos encontram-se fragmentos de dimensões e morfologia compatíveis com as espécies referidas.

4. O POVOADO DA FOZ DO ENXOÉ: ENQUADRAMENTO CRONOLÓGICO E CULTURAL

Contextualizar a ocupação pré-histórica do terraço fluvial da Foz do Enxoé, integrando-a numa etapa concreta da diacronia neolítica, exigia um conjunto de dados relativos à neolitização do interior Sul de Portugal que não estão, de momento, disponíveis. Neolitização que aqui se entende enquanto fenómeno do Tempo Longo, concluída com a emergência das sociedades agro-metalúrgicas.

A investigação, tradicionalmente vocacionada para o estudo do fenómeno megalítico, tem, no entanto, sido nos últimos anos orientada para identificação e análise de povoados neolíticos e calcolíticos, permitindo estabelecer as primeiras sistematizações cronológico-culturais para o Sul de Portugal.

Não existindo, até ao momento, sítios ou conjuntos artefactuais que possam, com segurança, ser atribuídos aos primeiros milénios do Holocénico, admite-se que a neolitização do interior Sul de Portugal corresponde a um efectivo processo de colonização démico, por parte de sociedades agropastoris ocupando territórios onde não existiram comunidades mesolíticas.

Em 1992, V. Gonçalves (1994: 118) admite para a área de Reguengos e para o Guadiana Alentejano as seguintes fases:

cronologia	Povoados	cerâmicas	necrópoles
3500	Acampamentos	t+e	antas
3500-3000	Abertos	tc+pbe+e	antas grandes
3000-2500	Fortificados	pbe	<i>tholoi</i>
2500-2000	Acampamentos	pbe	diversas

t: taças; e: esféricos; tc: taças carenadas; pbe: pratos de bordo espessado

No mesmo ano, J. Soares e C. Tavares da Silva (1992) apresentam os resultados de prospecções, realizadas no concelho de Reguengos de Monsaraz, destinadas a detectar os povoados do megalitismo do concelho, e identificam quatro momentos culturalmente distintos.

O primeiro momento, relacionado com os alvares do megalitismo, correspondia a povoados de curta duração, implantados sobre solos arenosos, com um conjunto artefactual diminuto, caracterizado pela presença de raros materiais de pedra lascada e polida, indústria macrolítica e cerâmicas decoradas na tradição do Neolítico antigo.

Ao Neolítico médio pertenciam sítios de *habitat* abertos, em áreas aplanadas, com materiais cerâmicos que traduzem influências do Neolítico antigo evoluído, taças com sulco abaixo do bordo, materiais de longa diacronia como os esféricos, acrescentando-se a este espólio mais arcaico a utilização de pintura a almagre em alguns recipientes.

A etapa final do Neolítico não foi individualizada do Calcolítico inicial, esta fase de transição foi caracterizada pela existência de povoados que ocupam áreas amplas, abertas, controlando solos de bom potencial agrícola. O repertório de materiais cerâmicos diversifica-se, surgem taças de bordo espessado, que dominam o conjunto, taças carenadas, taças em calotes, esféricos, por vezes mamilados. A este conjunto associam-se os “pesos de tear” em placa paralelepípedicas, com uma perfuração em cada extremidade.

O momento terminal do megalitismo de Reguengos foi associado a uma etapa plenamente Calcolítica onde se registam alterações significativas da estratégia de implantação na paisagem. São agora seleccionados sítios elevados, com condições naturais de defesa, que podem ser reforçadas pela construção de dispositivos defensivos. Aos elementos da cultura material da etapa anterior acrescentam-se cerâmicas simbólicas, pesos de “tear” em forma de crescente, e pratos de bordo espessado. As taças carenadas tendem a perder peso no conjunto, ou mesmo a desaparecer.

J. Soares e C. Tavares da Silva parecem, assim, ter identificado no interior Sul de Portugal uma etapa cultural, o Neolítico final-Calcolítico inicial caracterizado pela associação recipien-

te carenado-vaso de bordo espessado, quadro artefactual distinto do identificado em sítios, como a Sala nº 1 (Gonçalves 1987), com uma ocupação datada da 2ª metade do 4 milénio AC, onde estão presentes taças carenadas, taças de bordo espessado e pratos com espessamento ao nível do bordo.

Utilizando estes quadros cronológico-culturais, para contextualizar a ocupação da Foz do Enxoé, verifica-se que o conjunto artefactual recolhido neste povoado não é compatível com qualquer dos momentos admitidos nas propostas de periodização apresentadas.

Defendi recentemente (Diniz, no prelo) que a aparente contemporaneidade de conjuntos artefactuais distintos pode justificar-se pela baixa precisão cronológica das datações de carbono 14 disponíveis.

Considerei que a ocupação pré-histórica do sítio da Foz do Enxoé podia corresponder a um momento do Neolítico final pleno, culturalmente idêntico ao definido em outras áreas peninsulares, materializado em povoados de ar livre, na maior parte dos casos abertos, implantados em ecossistemas que permitem a prática de uma economia mista. “En las cerámicas se aprecia la perduración de algunos motivos decorativos de tradición neolítica antigua, pero su escaso porcentaje hace las lisas, y sobre todo de las cazuelas carenadas y en menor medida de vasos hondos y cuencos profundos de paredes entrantes, son sus rasgos materiales más característicos junto a la tendencia microlitizante de los objetos de piedra tallada, sobre todo en el caso de los sílex” (Enríquez Navascués 1995: 19).

Esta descrição do Neolítico final da Estremadura espanhola pode ser transportada para o Alentejo oriental, uma vez que sintetiza componentes essenciais da estratégia de povoamento, e dos conjuntos artefactuais que detectamos em sítios como o da Foz do Enxoé, corroborando o significado diacrónico que se atribui a estas realidades.

A identificação de duas etapas de distinto significado cronológico, Neolítico tardio e Calcolítico, a partir da informação artefactual recolhida na margem esquerda do Guadiana, tinha, aliás, já sido proposta por A. Monge Soares (1994).

A análise que se segue apresenta todas as limitações inerentes a um estudo que parte de realidades arqueológicas, na maior parte dos casos, apenas prospectadas, no entanto considera-se pertinente apresentar uma hipótese de periodização alternativa, que a investigação futura poderá anular ou confirmar.

O texto abaixo apresentado padece de um *artefactualismo* evidente que traduz, de forma sintomática, a ausência de outro tipo de informação obviamente necessária para reconstruir o passado.

Importa, assim, caracterizar, utilizando como ponto de partida os sítios identificados no concelho de Serpa (Lopes *et al.* 1997), os povoados neolíticos que apresentam espólios idênticos ao recolhido na Foz do Enxoé e fornecer um conteúdo cultural a uma etapa da diacronia neolítica.

A análise da carta arqueológica do concelho de Serpa (Lopes *et al.* 1997), parece numa primeira leitura indicar

uma ausência de sítios de *habitat* que pudessem corresponder ao Neolítico médio, sendo então esta área ocupada de forma efectiva a partir do Neolítico final.

No entanto, existe um conjunto de sítios de pequenas dimensões, em que a mancha de dispersão de material não ultrapassa os 1000 m², com implantações topográficas diversificadas, terraços sobranceiros ao Guadiana, com defensabilidade natural na vertente para o rio, encostas aplanadas sobre ribeiras sem domínio de paisagem, e um conjunto artefactual composto por cerâmicas pré-históricas incaracterísticas (Lopes *et al.* 1997; sítios; nº 9, 36, 49, 53, 55, 56, 62, 63, 64, 78).

Se observarmos os espólios que em outras áreas do Sul de Portugal têm sido classificados como pertencentes ao Neolítico médio, materiais das camadas C e D do Abrigo da Pena d'Água (Zilhão *et al.* 1996: 665-671), materiais da fase II dos concheiros neolíticos da Comporta (Silva *et al.* 1986), conjuntos constituídos por cerâmicas maioritariamente lisas, com raras aplicações mamilares, estando representados os esféricos e as taças em calote, torna-se evidente a dificuldade de integrar cronologicamente estes materiais, sobretudo se provenientes de prospecções superficiais, dada a ausência de elementos que possam funcionar como “fósseis - directores”.

Não considerando demonstrada qualquer filiação cronológica para os sítios incaracterísticos do concelho de Serpa, deve ser, em futura investigação, admitida a possibilidade de algumas destas estações arqueológicas integrarem uma fase média do Neolítico alentejano.

O povoado da Foz do Enxoé corresponderia a um outro “horizonte” cronológico-cultural cuja mais evidente inovação no sector da cultura material seria a introdução dos recipientes carenados.

Inventaria-se, de seguida, os sítios que, no concelho de Serpa, apresentam conjuntos artefactuais idênticos aos recuperados na Foz do Enxoé, compostos por taças em calote, esféricos, por vezes mamilados, taças carenadas, baixa percentagem de material decorado, rara pedra polida, uma indústria de pedra lascada de feição lamelar, artefactos macrolíticos em quartzito e ausência de vasos de bordo espessado.

Os sítios apresentados parecem integrar um modelo de povoamento sustentado por povoados abertos, de muito reduzidas dimensões, possivelmente temporários, em que critérios de defensabilidade e domínio da paisagem não são determinantes na definição de uma estratégia de ocupação do espaço.

Esta aparente ausência de preocupações de carácter estratégico verificada no cenário atribuível ao Neolítico final é, no entanto corrigida pela presença de uma estrutura de 1, 20 m de profundidade, escavada na rocha em Vila Verde de Ficalho I, interpretada pelo seu escavador como possível “(...) fosso que circundaria o povoado.” (Soares 1994: 42).

Sítio	Implantação	Área de dispersão de materiais
Toca da Galian	Abrigo natural num terraço do rio Guadiana	600 m ² (Lopes et al., 1997: 25).
Canada	Ocupação de terraço do rio Guadiana	800 m ² (Lopes et al., 1997: 32-33).
Casa Branca 6	Extremidade de esporão, sobre a ribeira do Enxoé rodeada de relevos com cotas superiores	2000 m ² (Lopes et al., 1997: 39)
Casa Branca 7	Extremidade de esporão sobre a ribeira do Enxoé rodeada de relevos com cotas superiores	1500 m ² (Lopes et al., 1997: 39)
Serra de Ficalho	Ocupação de uma rechã na extremidade NE da Serra, próxima do topo	? (Lopes et al. 1997: 59)
Cova dos Guerreiros,	Ocupação de pequena plataforma a meia encosta, na extremidade SE da Serra de Ficalho	Pequena plataforma (Lopes et al. 1997: 59)
Atalaia do Peixoto	Topo de cabeço destacado na paisagem, com vertente N e W sem defensabilidade natural ou artificial	? (Lopes et al. 1997: 78)
Alpedrede	Ocupação de encosta pontuada por afloramentos graníticos	Sítio parcialmente destruído por pedreira (Lopes et al. 1997: 79)
Vila Verde de Ficalho I	Estrutura escavada na rocha, preenchida por materiais arqueológicos e fauna (doméstica e selvagem) datados cronometricamente da 2ª metade do 4º milénio Cal BC (Soares 1996).	? (Lopes et al. 1997: 90)

Quadro 1: sítios do Neolítico final

Se a um fosso escavado na rocha se associa um talude de terra estaríamos, aqui, perante um recinto fechado traduzindo evidentes preocupações defensivas. Não é, neste momento, possível calcular a dimensão deste sítio, no entanto a sua implantação, no centro de uma mancha alargada de solos de Classe C, solos leves aptos para uma utilização pouco intensiva, poderá sugerir uma vocação agrícola mais acentuada do que a registada em outros povoados, na Foz do Enxoé, por exemplo, os solos que rodeiam o sítio são fundamentalmente da Classe D e E, com pequenas línguas de solos de classe C.

Proteger os resultados da produção pode ter sido a causa do investimento de carácter doméstico realizado em Vila Verde de Ficalho I, atitude isolada (?) num contexto histórico aparentemente caracterizado por sítios de *habitat* abertos.

São explorados ecossistemas com potencialidades diversificadas, que permitem o desenvolvimento de uma economia mista, apta para a manutenção de grupos humanos de pequena dimensão, e que associa a uma agricultura, certamente de pequena escala, a pastorícia, a caça, seguramente a pesca e a recollecção.

Justifica-se, assim, a ocupação dos terraços do Guadiana e sobretudo das margens de ribeiras de menor caudal, como a do Enxoé, que parecem ter polarizado o povoamento de forma mais efectiva que o grande rio, evitando os solos muito férteis, mas muito pesados das Classes A e B, numa estratégia de obtenção de recursos que inclui, ainda, a presença de acampamento sazonais com vocação cinegética como o da Serra de Ficalho (Soares 1994: 43).

O modelo de povoamento associado ao Neolítico final não traduz assim a aplicação de uma estratégia única, materializada no registo arqueológico, mas ao contrário é composto por soluções diversificadas, compatíveis com esquemas culturais de exploração do espaço não especializados, mas partilhando um conjunto artefactual comum.

Analisando, brevemente, os dados relativos ao povoamento calcolítico da região, constatamos que, apesar de algumas regularidades que podem ser detectadas, não é possível reduzir momentos concretos da (pré)história a comportamentos únicos.

O critério de inclusão de sítios no Quadro 2 baseia-se na presença de elementos da cultura material calcolíticos, nomeadamente vasos e pratos de bordo espessado, em qualquer uma das suas variantes.

Identifica-se, a partir do quadro 2, na estratégia de povoamento calcolítica, um conjunto de características aparentemente diferenciadas das reconhecidas no Neolítico final, a preferência por lugares destacados na paisagem, com defesas naturais e controle do território envolvente, em sítios de pequenas dimensões, mas consideravelmente superiores às registadas no momento anterior.

A construção de muralhas em pedra, atestada no sítio de S. Brás 1, é também uma inovação das estruturas do quotidiano associada a comunidades plenamente calcolíticas. No entanto, continuam a existir ocupações de áreas muito reduzidas, Torre de Lóbio 1, por exemplo, que não expressam qualquer preocupação de carácter defensivo.

A ausência de defesas naturais, ou artificiais é também verificado no povoado de S. Brás 3, que ocupando 40000 m², se apresenta, no quadro do povoamento calcolítico da região, como um sítio de grande dimensão, implantado no limite de uma mancha considerável de solos de Classe A e B. O carácter plenamente agrícola de S. Brás 3 permitiria, assim, suportar uma população mais numerosa que a registada em sítios que não atingem 1 ha.

A realidade histórica que aqui se prefigura apresenta um panorama complexo em que convivem sítios de amplitudes, aparentemente, muito distintas, elemento significativo pelas diferenças de quantitativos demográficos envolvidas, alguns dos quais funcionando como “lugares centrais”, não porque ocupem o centro físico de um território, mas porque concentram indivíduos.

No entanto, compreender a estrutura social que justifica este polimorfismo de estratégias e modelos de ocupação do espaço exige um debate que não será aqui iniciado.

Sítio	Implantação	Área de dispersão de materiais
Casa Branca 1	Ocupação de encosta suave, sem fortificações	8000 m ² (Lopes, <i>et al.</i> , 1997: 37)
Monte Luís Mendes	Topo de cabeço, sem fortificações	Pequena dimensão (Lopes, <i>et al.</i> , 1997: 39)
Torre de Lóbio 1	Rechã a meia encosta, sem fortificações	1000m ² (Lopes, <i>et al.</i> , 1997: 40)
Retorta 1	Topo de cabeço, sem fortificações	3000 m ² (Lopes, <i>et al.</i> , 1997: 42)
Atalaia da Torre 1	Topo de elevação, bem destacado, sem fortificações	2000 m ² (Lopes, <i>et al.</i> , 1997: 52)
Serpa 1	Plataforma sobrelevada	? (Lopes, <i>et al.</i> , 1997: 42)
Azougada 1	Topo de cabeço, com defesas naturais	3000 m ² (Lopes, <i>et al.</i> , 1997: 65)
Alto da Forca	Topo de cabeço, com excelente visibilidade, fortificações	?5000 m ² (Lopes, <i>et al.</i> , 1997: 66)
S. Brás 1	Topo de cabeço, duas linhas de muralhas, datado cronometricamente da 2ª metade do 4º milénio Cal BC (Soares, Cabral 1993)	? (Lopes, <i>et al.</i> , 1997: 71)
S. Brás 3	Ocupação de meia encosta, sem defesas naturais ou artificiais	(Lopes, <i>et al.</i> , 1997: 71-72)

Quadro 2: sítios calcolíticos.

A contemporaneidade que as datações absolutas revelam entre sítios como Vila Verde de Ficalho 1 (Soares 1996: 53), e S. Brás 1 poderá ser explicada pela amplitude dos intervalos de tempo obtidos, uma vez que justificações de carácter funcional dificilmente explanariam a diversidade dos conjuntos artefactuais recolhidos, que parecem corresponder, ao invés, a duas etapas em sequência.

O ensaio apresentado, demonstrando de forma clara a não linearidade dos sistemas culturais pretéritos, permite, em meu entender, propor a existência de um momento cronológico-cultural - o Neolítico final - diferenciado quanto à estratégia de implantação no espaço, exploração de recursos e conteúdo artefactual, do Calcolítico inicial.

Só o prosseguir da investigação poderá demonstrar a eficácia explicativa desta hipótese ou a necessidade da sua substituição.

NOTA

* Para uma descrição detalhada dos dados arqueológicos do povoado da Foz do Enxoé veja-se (Diniz, no prelo).

BIBLIOGRAFIA

DINIZ, M. (no prelo) Povoado Neolítico da Foz do Enxoé, Serpa: primeiros resultados. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 3. Lisboa.
 ENRIQUEZ NAVASCUÉS 1995. Del Paleolítico a la Edad del Bronce. *Extremadura Arqueologica*, 4: 13-34.

- GONÇALVES, V. 1987. O povoado pré-histórico da Sala nº1 (Pedrogão, Vidigueira): notas sobre a campanha 1(88). *Portugália*, 8: 7-17. Porto.
- GONÇALVES, V. 1994. O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz: procurando algumas possíveis novas perspectivas, sem esquecer as antigas. *O Megalitismo no Centro de Portugal*: 115-135. Viseu.
- LOPES, M.ªC., CARVALHO, P., GOMES, S. 1997. *Arqueologia do Concelho de Serpa*. Câmara Municipal de Serpa.
- SERVIÇO DE RECONHECIMENTO E ORDENAMENTO AGRÁRIO 1965. Carta de Capacidade de Uso do Solo. Folha 43-D, escala 1:50 000. Lisboa.
- SERVIÇOS CARTOGRÁFICOS DO EXÉRCITO 1994. Folha 522 Brinches, escala 1/25 000. Lisboa.
- SILVA, C. T.; SOARES, J.; CARDOSO, J. L.; CRUZ, C. S.; REIS, C. A. S. 1986. Neolítico da Comporta: aspectos cronológicos (datações 14C) e paleoambientais. *Arqueologia*, 14: 59-82. Porto.
- SOARES, A. M. 1994. Descoberta de um povoado do Neolítico junto à Igreja Velha de S. Jorge (Vila Verde de Ficalho, Serpa), resultados preliminares. *Vipasca*, 3: 41-49. Aljustrel.
- SOARES, A. M. 1996. Datação absoluta da estrutura neolítica junto à Igreja Velha de S. Jorge (Vila Verde de Ficalho, Serpa). *Vipasca*, 5: 51-58. Aljustrel.
- SOARES, A. M.; ARAÚJO, M. F.; CABRAL, J. P. 1994. Vestígios da prática da metalurgia em povoados calcolíticos da bacia do Guadiana, entre o Ardila e o Chança. *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana*: 165-200. Huelva.
- SOARES, A. M.; CABRAL, J. P. 1993. Cronología absoluta para o Calcolítico da Estremadura e do Sul de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 33 (3-4), p. 217-236.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. 1992. Para o conhecimento dos povoados do megalitismo de Reguengos. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, p. 37-88.
- ZILHÃO, J., CARVALHO, A. 1995. O Neolítico do Maciço Calcário Estremenho: crono-estratigrafia e povoamento. *Rubricatum*, 1, 2º v.: 659-671. Gavà.